

Fluxo vai verticalizar as satélites

MALU PIRES

Márcio Batista

A migração fará com que Brasília consolide sua expansão territorial rumo aos Estados de Goiás e Minas Gerais e transforme as cidades-satélites em administrações independentes, com plano urbanístico verticalizado e vida econômica própria. A previsão é dos professores do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, Aldo Paviani, Ignêz Ferreira e Marília Oliveira, que afirmam ser este processo irreversível e sua administração um dos maiores desafios para seus dirigentes.

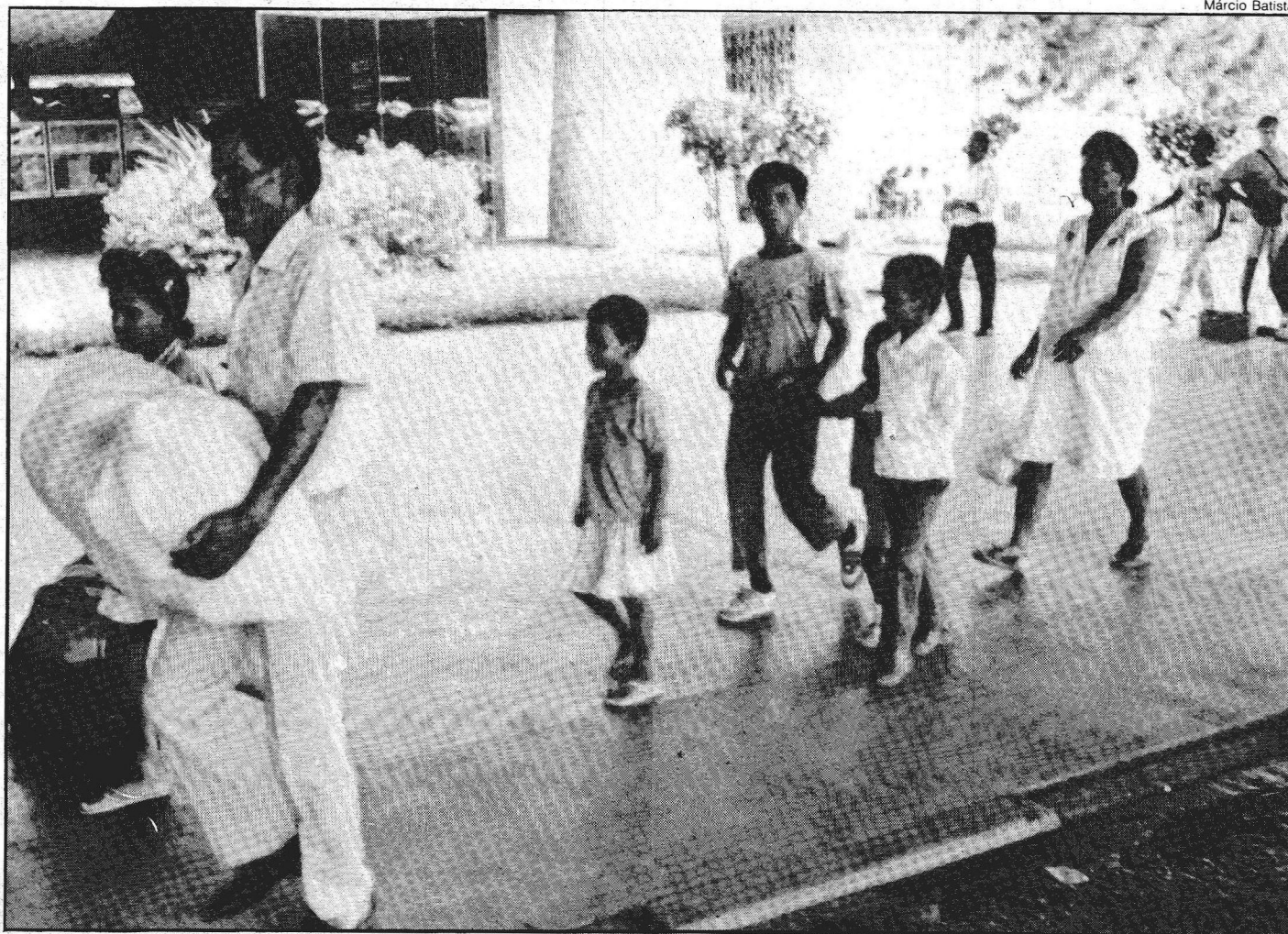
Isso porque, ressaltam, embora dados da Codeplan afirmem que o crescimento da população diminuiu nas últimas décadas de 8% (1970/1980) para 4,03% (1980/1990), Brasília, como capital do País, continuará a ser um chamariz para as pessoas que desejam melhora de vida. "Não há como impedir o fluxo migratório para uma região em processo de expansão e instalação de pólos industriais", disse Aldo Paviani.

Se este contexto traz como efeitos negativos pressão sobre a infra-estrutura básica da cidade, habitação, saúde, transporte e mercado de trabalho "ele pode ser enxergado pelo lado positivo", afirma Paviani. "A cidade foi construída por migrantes, sua presença representa riqueza, mão-de-obra, a possibilidade de um mercado consumidor significativo, trabalhar com projetos nesta linha de pensamento seria uma alternativa" — assinalou Marília Oliveira.

Planejamento

Segundo a Codeplan — Pesquisa Domiliar — Transporte/outubro 1990 — Brasília tem hoje 1.722.190 habitantes. O acréscimo líquido da população entre 1980/1990 foi de 640.536 pessoas. Deste total, 306.996 nasceram fora do DF e aqui moram há menos de 10 anos, números equivalentes à população de Anápolis (GO), hoje estimada em 25.840, São José do Rio Preto (SP) — 229.221, Uberaba (MG) — 199.265, Joinville (SC) — 302.877.

Estes dados, informam os cientistas, só confirmam os dados históricos da formação da cidade, que indicam uma concentração de fluxo migratório para Brasília. De 1956 a 1960 a migração foi de 33% de 1960 a 1970, 14%. Estas porcentagens "comprometeram a concepção urbanística planejada antes mesmo da sua inauguração em 1960", afirma o professor Aldo Paviani. Prova disto, assinala, é



Capital continua sendo um chamariz para quem quer melhorar de vida

que o plano original era a construção do Plano Piloto apenas, mas Taguatinga (1958) assim como as demais satélites tiveram de ser construídas para atender à necessidade da população.

Desde esta época, ressaltava a professora Ignêz Ferreira, colega de Aldo Paviani em estudos de correntes migratórias do DF, o projeto urbanístico e de desenvolvimento da cidade deveria ter sido revisado. "Optou-se, entretanto, pela manutenção do Plano Piloto como centro administrativo, obrigando as cidades-satélites a serem só dormitórios", enfatiza a professora.

Vêm daí características da cidade como a ênfase ao setor terciário de produção — há empregos para a maioria em

prestação de serviços; as longas distâncias entre o trabalho e casa; as preferências pela construção de habitações individuais e a expulsão do Plano para as satélites e destas para o Entorno das faixas da população mais pobres. "O planejamento com vistas a garantir a qualidade de vida da população, dentro deste contexto, fugiu, claramente, ao controle, e se agravará com a continuidade da migração. Revisar a concepção das cidades-satélites e do Entorno são soluções para esta situação", ressaltava Aldo Paviani.

Solução

A reversão deste quadro implicaria na execução do projeto de industrialização do DF, crescimento do Entorno. E, ainda, na concessão de independência fi-

nanceira e administrativa para as cidades-satélites, assim como, a aprovação de gabaritos que permitissem ali a construção de prédios. "Só desta maneira se completará o ciclo de metropolização da cidade de forma ordenada", acrescenta Paviani.

"Não dá mais para separar a atividade funcional do local de residência, nem se pode continuar a construir satélites cada vez mais distantes do Plano Piloto", afirma o cientista. "Queiram ou não os governantes, Brasília se tornará uma grande metrópole, avançará sobre Minas e Goiás e as satélites terão vida própria. Para manter a qualidade de vida, no entanto, cabe às autoridades administrar os fluxos migratórios e suas consequências na História da cidade", frisou.